

KEIGO HIGASHINO

# A DEVOÇÃO DO SUSPEITO X

Tradução

Shintaro Hayashi



Título original: *Yogisha X no Kenshin*

© Keigo HIGASHINO, 2005

© Editora Estação Liberdade, 2025, para esta tradução

Todos os direitos reservados.

Edição original em japonês publicada pela Bungeishunju Ltd., em 2005. Direitos de tradução para o português no Brasil reservados à Estação Liberdade, sob licença de Keigo HIGASHINO, Tóquio, mediante acordo com Bungeishunju Ltd., Tóquio, através da Japan UNI Agency, Inc., Tóquio, e Patricia Natalia Seibel, Porto.

PREPARAÇÃO Marina Silva Ruivo

REVISÃO Fábio Fujita e Gustavo Katague

EDITOR ASSISTENTE Luis Campagnoli

SUPERVISÃO EDITORIAL Leticia Howes

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H541d

Higashino, Keigo, 1958-

A devoção do suspeito X / Keigo Higashino ; tradução Shintaro Hayashi. - 1. ed.-  
São Paulo : Estação Liberdade, 2025.

352 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Yogisha x no kenshin*

ISBN 978-65-86068-98-6

1. Ficção japonesa. I. Hayashi, Shintaro. II. Título.

24-95369

CDD: 895.63

CDU: 82-3(520)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

06/12/2024 09/12/2024

Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda

01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

[www.estacaoliberalidade.com.br](http://www.estacaoliberalidade.com.br)

容疑者Xの献身



Como de hábito, Ishigami deixou o apartamento pela manhã às sete horas e trinta e cinco minutos. Embora já fosse março, a brisa estava gelada. Mergulhou o queixo no cachecol e se pôs a caminhar, mas, antes de sair à rua, conferiu o estacionamento das bicicletas. Ainda restavam muitas por lá, exceto a verde, objeto de sua atenção.

Rumando ao sul por cerca de vinte metros, Ishigami atingia a Shin-Ohashi, uma larga avenida. Dobrando-se à esquerda, isto é, a leste, seguia-se em direção ao bairro de Edogawa. A oeste, chegava-se a Nihonbashi, com o rio Sumida bem à frente. A ponte Shin-Ohashi transpunha o rio.

A rota mais curta para chegar ao seu trabalho seguia dali diretamente ao sul. Mais algumas centenas de metros adiante se abria um jardim — o Kiyosumi Teien. Ishigami trabalhava em um colégio particular, bem defronte ao jardim. Ou seja, ele era professor. Ensinava matemática.

O semáforo à frente estava vermelho, e ele seguiu então à direita, em direção à ponte Shin-Ohashi. O vento frontal agitava-lhe a barra do casaco. Meteu as mãos no bolso e se pôs a andar, inclinando um pouco o corpo à frente.

Nuvens espessas cobriam o céu, projetando suas cores sobre as águas do rio Sumida, que assim pareciam enturvadas. Um pequeno barco que subia o rio distraiu Ishigami enquanto ele cruzava a ponte Shin-Ohashi.

Descendo a escadaria de saída da ponte, Ishigami passou por baixo dela e seguiu pela margem do rio. Calçadas haviam sido construídas ao longo de ambas as margens, mas poucos vinham até ali, mesmo nos feriados. Famílias e casais eram vistos a passear somente a partir das imediações da ponte Kiyosu, um pouco adiante. O motivo lá estava, bem à vista de todos: barracas de plástico azul, de moradores de rua, estendiam-se em fila nesse local, acobertadas ao alto por uma rodovia. Talvez isso lhes viesse a calhar, para se abrigarem de temporais — pois na margem oposta do rio não se via uma só barraca azulada. Mas talvez tivessem escolhido construir ali uma comunidade por iniciativa própria, por outros critérios de conveniência.

Ishigami prosseguia diante das barracas azuladas. A altura delas equivalia mal e mal à de um homem, algumas iam só à cintura, propriamente mais caixões que barracas. Talvez isso bastasse, se fosse apenas para dormir nelas. Estendido ao lado dessas cabanas e caixões havia sempre um varal para pendurar roupas lavadas, o que proporcionava algum indício de vida doméstica.

Apoiado ao balaústre construído sobre a ribanceira, um homem escovava os dentes, o cabelo grisalho amarrado atrás da cabeça. Visto com frequência naquelas bandas, aparentava idade superior a sessenta anos. Não devia se dispor mais ao trabalho braçal, pois se buscasse algum não estaria perambulando àquelas horas — o recrutamento para esse trabalho se realizava cedo, de manhã. Ele tampouco devia ter interesse em procurar a Agência Pública de Empregos. Ainda que lhe indicassem algum emprego, nem mesmo uma entrevista poderia almejar, com o cabelo daquele jeito, crescido e desgrenhado. Até porque, além

disso, a probabilidade de uma indicação seria praticamente nula naquela idade.

Outro indivíduo esmagava latas vazias em grande quantidade, ao lado da sua barraca. Já por diversas vezes Ishigami deparara com esse espetáculo, e assim atribuíra ao homem, à socapa, o apelido de Lateiro. O Lateiro teria cerca de cinquenta anos. Vestia-se relativamente bem e até bicicleta possuía. Com isso, dispunha certamente de mobilidade para catar latas. O ponto onde ele se achava — na borda da colônia e, contudo, bem escondido —, devia ser, ao que parece, privilegiado. Assim, Ishigami suspeitava que o Lateiro fosse o residente mais antigo dentre todos eles.

Um pouco além daquela fileira de barracas de plástico azul se via um homem sentado em um banco. Vestia um capote que teria sido bege originalmente, mas, sujo como estava, se diria quase cinzento. Trazia por baixo um blusão sobre a camisa. A gravata talvez estivesse guardada no bolso do capote, supunha Ishigami. Ele identificava o homem como o Engenheiro, pois o vira outro dia lendo uma revista de cunho industrial. O Engenheiro conservava o cabelo curto e a barba bem aparada. Por isso, não teria desistido ainda de buscar um emprego. E quem sabe se dispusesse até a procurar a Agência Pública ainda aquele dia. Provavelmente não encontraria nenhuma oferta, já que deveria antes de tudo deixar os brios de lado se quisesse uma colocação. Ishigami deparara com ele fazia cerca de dez dias. O Engenheiro não se habituara ainda àquela vida em plástico azul. Tentava manter distância dela, mas lá se achava, sem saber como viver em sua condição de desabrigado.

Ishigami continuou a caminhar pela margem do rio Sumida. Um pouco antes da ponte Kiyosu, uma idosa levava três

cachorros para passear. Eram três miniaturas de dachshund e portavam, respectivamente, coleiras vermelha, azul e cor-de-rosa. Ishigami foi notado quando se aproximava. A senhora se voltou com um sorriso e uma leve mesura, que Ishigami retribuiu.

— Bom dia! — Ishigami se adiantava.

— Bom dia! Manhã fria outra vez, não?

— É verdade! — replicou ele, franzindo o cenho.

Ao se cruzarem, ela lhe lançou:

— Passe bem. Vá com cuidado.

Ishigami se curvou agradecido. Já a avistara outro dia com um saquinho de supermercado que parecia conter sanduíches. Lanchinho da manhã, quem sabe. Ele a tinha na conta de mulher solitária, residente não muito longe dali, pois a vira uma vez com chinelo nos pés. Seria impossível dirigir um carro de chinelo. Decerto perdera o companheiro de vida e vivia com os três cachorros em um apartamento nas proximidades que devia ser bem espaçoso. Só assim poderia criar três cachorros. E, por causa deles, não conseguia se mudar para um apartamento menor. Provavelmente já tinha quitado as prestações do apartamento atual, mas haveria o custo do condomínio. Portanto, deveria economizar. Assim, acabara evitando o salão de beleza durante o inverno todo. Nem pudera tingir o cabelo.

Ishigami galgou a escadaria diante da ponte Kiyosu. Deveria cruzá-la para chegar ao colégio, mas seguiu em direção oposta. Havia uma placa, voltada para a via pública, na qual se lia “Benten-tei”. Uma pequena loja vendia ali bentôs — refeições rápidas acondicionadas para viagem. Ishigami abriu a porta de vidro da loja.

— Seja bem-vindo, e bom dia! — a voz vinha voando do outro lado do balcão, uma voz familiar, bem conhecida, mas que lhe renovava a alma. Yasuko Hanaoka sorria, com o boné branco sobre a cabeça.

Não se viam ali outros fregueses, e isso o animou.

— Vejamos, ah, eu quero o especial...

— Sim, senhor, um especial! E obrigada pela preferência — dizia ela animada, mas Ishigami, entretido em examinar o conteúdo de sua carteira, não pôde observar-lhe diretamente o rosto. Gostaria de papear com ela sobre outros assuntos fora o pedido do bentô, já que residiam em apartamentos vizinhos, porém nada lhe ocorreu.

— Que frio, não? — foi tudo o que conseguiu dizer, ao pagar a conta. Mas sua voz, quase um murmúrio, foi apagada pelo ruído da porta de vidro que se abria, à entrada de um novo freguês. Yasuko parecia ter voltado sua atenção a ele.

Ishigami deixou a loja com o bentô na mão. E dessa vez dirigiu-se à ponte Kiyoshu. O motivo dessa volta toda estava ali, no Benten-tei.

O Benten-tei ficava mais tranquilo após o período de *rush* da manhã, pelo menos no que dizia respeito ao fluxo de fregueses. Nos fundos da loja, porém, iniciavam-se os preparativos para o meio-dia. Por contrato com algumas empresas, a loja deveria entregar-lhes bentôs até essa hora. Na ausência de fregueses, Yasuko ajudava também na cozinha.

O Benten-tei funcionava com uma equipe de quatro pessoas: Yonezawa, o proprietário, e sua esposa, Sayoko, preparavam os bentôs, a entrega era trabalho de Kaneko,

em tempo parcial, e o atendimento aos fregueses estava a cargo quase inteiramente de Yasuko.

Antes de obter esse emprego, Yasuko trabalhara em uma boate em Kinshicho, da qual Yonezawa era um dos fregueses mais assíduos. Yasuko só veio a saber que Sayoko, na época a madame que gerenciava a boate<sup>1</sup>, era sua mulher pouco antes de esta deixar o cargo. Soube disso de sua própria boca.

“De madame de boate passa a ser mulher do dono de uma loja de bentô. A vida sempre nos surpreende!”, comentavam os frequentadores. No entanto, segundo Sayoko, abrir a loja havia sido um sonho longamente acalentado pelo casal, e ela se dispusera a trabalhar em uma boate apenas com o intuito de concretizar esse sonho.

Aberto o Benten-*tei*, Yasuko tinha passado a frequentá-lo vez por outra, para ver como ele se mantinha. A loja parecia bem administrada. O convite para vir ajudar veio quase um ano após a inauguração. O trabalho só a dois, dizia Sayoko, era extenuante para ambos.

— E para você, Yasuko, não é conveniente continuar sendo mulher da noite por muito tempo. Misato está crescendo e, em breve, poderá vir a se sentir complexada pelo fato de a mãe ser uma *hostess* de boate — acrescentava ela, ciente de que isso não era da sua conta.

Misato, filha única de Yasuko, não tinha um pai presente em sua vida. O casal se divorciara cinco anos atrás. Yasuko também se preocupava. Isso não podia continuar assim, nem era preciso que Sayoko lhe dissesse. Não apenas por

---

1. A supervisora das *hostesses* em clubes noturnos japoneses é comumente designada “madame” ou “mama”. [N.T.]

Misato, mas também porque, pela sua idade, a boate não a empregaria por muito mais tempo, como suspeitava.

Em suma, não precisou mais que um dia para tomar a decisão. A boate não procurou retê-la. Parabéns, foi o que lhe disseram. No fundo, todos ali estavam apreensivos quanto ao seu futuro na boate.

Na primavera do ano anterior, aproveitando a oportunidade do ingresso de Misato no ensino secundário, Yasuko e a filha passaram a viver nesse apartamento que ocupavam agora. O antigo ficava longe demais do Benten-temple. O novo trabalho diferia do anterior — começava cedo, logo pela manhã. Acordava às seis horas, e já às seis e meia pegava a bicicleta e deixava o apartamento — uma bicicleta verde.

— E aquele professor? Apareceu esta manhã também?  
— Sayoko veio perguntar-lhe enquanto descansava.

— Claro, como de costume.

Ao ouvir essa resposta, Sayoko e o marido trocaram olhares e sorriram maliciosamente.

— Mas que coisa!

— Não, não nos leve a mal. Estávamos comentando ainda ontem que, pelo jeito, ele gosta de você.

— O quêêê? — Yasuko se virou, segurando ainda sua tigela de chá entre as mãos.

— Pois veja, ontem foi seu dia de folga, não? O professor não veio. Ele vem todos os dias, mas, quando você não vem, ele também não vem. Não lhe parece curioso, isso?

— Ai, pura coincidência, nada mais.

— Será mesmo?... Não parece. — Sayoko buscava apoio do marido.

Yonezawa concordou sorrindo.

— Pois é, Sayoko diz que isso já acontece há muito tempo. O professor não vem comprar seu bentô nos dias de folga de Yasuko. Ela desconfiava, mas, ontem, teve certeza.

— Mas veja, fora os feriados, a minha folga é incerta, até mesmo em dias de semana.

— Justamente por isso, dá para desconfiar mais ainda. Ele mora do seu lado, não é? Vai ver ele espera você sair para se certificar de que você não estará de folga...

— O quêêê? Mas eu nunca o vejo quando saio!

— Talvez ele esteja observando você de algum lugar, quem sabe da janela.

— Acho que não dá.

— Ah, esqueça isso. Se ele estiver caidinho por você, não tardará a se declarar. Para nós é bom, porque conseguimos um freguês permanente por sua causa. Somos gratos a você e às suas maneiras de dama do Kinshicho — disse Yonezawa, para terminar a conversa.

Yasuko sorriu sem graça e tomou o chá que restava na xícara. Pensava no professor, assunto da conversa. Seu sobrenome era Ishigami. Por cortesia, Yasuko fora até o seu apartamento para se apresentar, na noite em que se mudara para o apartamento ao lado. Nessa oportunidade, ouvira dele próprio — desse homem encorpado, de rosto redondo e grande, com olhos finos como fio de linha — que era professor de colégio. Cabelo curto e ralo, que lhe conferia idade próxima a cinquenta anos, mas quem sabe fosse mais jovem. Demonstrava ser daqueles que não se incomodam muito com a aparência, vestia-se sempre do mesmo jeito. Naquele inverno, trazia quase sempre no corpo um pulôver marrom. Com um capote por cima, pronto, lá estava ele, do jeito como costumava aparecer para comprar bentô. Contudo,

lavava aparentemente as roupas com frequência, pois, às vezes, a pequena varanda se enchia de peças estendidas para secar. Vivía só, e Yasuko o via como homem solteiro, sem experiência anterior de casamento.

Quando lhe disseram que aquele professor estaria caidinho por ela, isso não lhe despertou nenhuma emoção. Para Yasuko, a presença do professor atraía tanta atenção quanto um arranhão na parede do apartamento. Tomava apenas conhecimento, mas não se preocupava, mesmo porque não via motivo para se preocupar.

Cumprimentava-o ao encontrá-lo e até chegara a comentar com ele acerca do zelador do prédio, porém quase nada sabia a seu respeito, apenas que era professor de matemática, como viera a saber recentemente. Isso porque vira, diante da porta do seu apartamento, livros didáticos antigos dessa matéria, amarrados com barbante.

E que não venha me pedir em namoro, pensou Yasuko. Mas logo depois esboçou um sorriso irônico. Com que cara viria aquele turrão me propor namoro?

Como sempre, a agitação se iniciava na loja já antes do meio-dia para culminar logo à tarde. E sossegava um pouco após a uma hora, o mesmo padrão de sempre. Mas, quando Yasuko trocava o rolo de papel do caixa, a porta de vidro se abriu e alguém entrou.

— Seja bem-vindo — disse ela, ao mesmo tempo que se voltava para o freguês. E de pronto congelou. Arregalou os olhos, emudeceu.

— Oi, você está bem, não? — O homem lhe abria um sorriso. No entanto, seus olhos negros pareciam turvos e tenebrosos.

— Você... o que faz aqui?

— Assustada por quê? Posso descobrir quando quiser o paradeiro da minha ex-mulher. — O homem circulava o olhar pelo interior da loja, com as mãos enfiadas no bolso do blusão azul-marinho, como se procurasse por algo.

— O que você quer, depois de tudo? — Yasuko perguntou agressiva, mas em voz baixa. Não queria que o casal Yonezawa, que trabalhava nos fundos, percebesse.

— Não me olhe desse jeito. Por que não sorri um pouco, mesmo que seja um sorriso fingido, depois de tanto tempo? Hein? — Ele mantinha o sorriso maldoso.

— Se não quer nada, vá embora!

— Se eu vim, é porque quero algo. Preciso muito conversar com você. Dá para escapar um pouco?

— Não fale besteira. Não vê que estou trabalhando? — respondeu Yasuko e se arrependeu. Ele poderia entender que, terminado o trabalho, estaria disposta a conversar.

O homem lambeu os lábios.

— Quando termina?

— Não quero falar com você. Por favor, vá embora. E não volte nunca mais.

— Quanta frieza, hein?

— E o que você esperava?

Yasuko voltou os olhos para fora. Desejava que algum cliente aparecesse, mas pelo jeito ninguém se aproximava.

— Bem, se você me trata com toda essa frieza, não há mais o que fazer. Então, vou ter que ir até lá.

O homem esfregava a nuca.

— Até lá onde? — Yasuko teve um pressentimento ruim.

— Se a mulher não quer me ouvir, não há outro jeito a não ser ir ver a filha dela. A escola é aqui perto, não? — o homem disse exatamente o que Yasuko mais temia.

— Você não vai se encontrar com ela!

— Então, dê um jeito. Para mim, tanto faz.

Yasuko soltou um suspiro. Precisava enxotar esse homem de qualquer forma.

— Eu trabalho até as seis.

— De manhã cedo até as seis? Puxado, hein?

— Não é da sua conta.

— Ok, então basta que eu venha às seis, certo?

— Não venha aqui. Se você seguir pela rua aí em frente, sempre à direita, vai chegar a um cruzamento bem grande. Um pouco antes, tem um restaurante. Esteja lá às seis e meia.

— Entendi. E você não falte por nada. Se não vier...

— Vou sim. Por isso, saia logo daqui.

— Certo, certo, entendi. Indelicada, não? — O homem passou novamente os olhos pelo interior da loja e saiu, fechando a porta de vidro com violência.

Yasuko pôs a mão sobre a testa. Começava a sentir uma leve cefaleia, e náusea também. Em seu íntimo, o desespero se espalhava aos poucos.

Casara-se com Shinji Togashi oito anos antes. Nessa época, ela trabalhava como recepcionista de bar em Akasaka, onde ele era um dos fregueses contumazes. Dizia ser vendedor de carros importados e demonstrava opulência. Oferecia presentes caros, levava-a também a restaurantes de alta classe. Assim, quando ele lhe propôs casamento, sentira-se uma Julia Roberts em *Uma linda mulher*. O primeiro casamento dela fora um desastre, e Yasuko estava cansada dessa vida de trabalho para o sustento da filha única.

O novo casamento fora, de início, feliz. A renda de Togashi se mostrava estável, e assim Yasuko pôde deixar de

ser uma mulher da noite. Ele também tratava Misato com carinho. E parecia que Misato se esforçava para recebê-lo como pai.

Entretanto, tudo veio abaixo de repente quando Togashi foi demitido. As fraudes que cometera por diversos anos haviam sido descobertas. Escapara de ser levado à justiça pela empresa onde trabalhava porque seus superiores acobertaram habilmente o delito, com receio de serem também eles responsabilizados. Afinal, tudo aquilo que Togashi gastara a torto e a direito em Akasaka não passara de dinheiro sujo.

Desde então, Togashi mudara de personalidade. Melhor dizendo, passara a mostrar, quem sabe, seu verdadeiro caráter. Não trabalhava, passava o dia inteiro sem fazer nada, ou saía para jogar nos cassinos. E se Yasuko reclamasse, tornava-se violento. Passara a beber demais. Sempre embriagado, a violência brilhava em seus olhos.

Yasuko decidira retomar outra vez o trabalho noturno, como uma decorrência natural. Mas Togashi lhe tomava à força o dinheiro conquistado. E quando a mulher passou a escondê-lo, ele se aventurava a chegar antes dela à casa noturna onde Yasuko trabalhava, nos dias de pagamento, para lhe açambarcar o salário.

Misato passara a temer o padrasto. Detestava ficar a sós com ele em casa e chegava até a procurar a mãe na boate. Yasuko pedia o divórcio a Togashi, mas ele nem lhe dava ouvidos. E, se continuasse insistindo, ele voltava a se mostrar truculento. Angustiada, ela procurou finalmente um advogado, que lhe fora apresentado por um cliente. As diligências desse advogado levaram Togashi a assinar a certidão de divórcio a contragosto. Parecia estar ciente de

que, se o caso fosse levado à corte, ele não teria a mínima possibilidade de vencer, e ainda por cima teria de arcar com a pensão.

Entretanto, o problema não estava resolvido só com isso. Togashi passou a aparecer diante de Yasuko e sua filha com frequência. O assunto dessas visitas era sempre o mesmo: vinha pedir a restauração do matrimônio, pois estava disposto a mudar de comportamento e trabalhar com afinco. E quando Yasuko passou a evitá-lo, ele procurou se aproximar de Misato. Chegava a emboscá-la na saída da escola.

Yasuko sentia pena quando o via ajoelhar-se diante dela, embora soubesse que não passava de uma farsa. Mas talvez lhe restasse ainda um pingo de sentimento, já que haviam sido, no passado, casados. Assim, acabou lhe dando algum dinheiro. Esse foi seu equívoco. Satisfeito, Togashi passou a importuná-la com maior frequência. Comportava-se sempre com humildade, mas se fazia cada vez mais ousado.

Yasuko mudava de emprego, assim como de residência. Embora penalizada, fez Misato mudar de escola. Desde que passou a trabalhar no clube noturno de Kinshicho, porém, Togashi deixou de aparecer. Yasuko mudou ainda outra vez de residência. E tinha passado a trabalhar no Benten-tei já fazia um ano. Acreditou que tivesse se livrado daquela peste para sempre.

Não devia incomodar o casal Yonezawa, nem queria que Misato percebesse. Era necessário fazer de tudo, sem contar com ninguém, para que aquele homem nunca mais viesse a procurá-la. Yasuko consultou o relógio da parede. Estava decidida.

À hora combinada, dirigiu-se ao restaurante. Sentado próximo a uma janela, Togashi fumava. Havia uma xícara de café na mesa. Yasuko tomou seu lugar e pediu um chocolate quente à garçonete. Se tivesse pedido refrigerante, como costumava fazer, teria direito ao refil gratuito, mas não pretendia demorar-se ali.

— Então, o que você quer? — perguntou, de cenho carregado.

Ele afrouxou os lábios.

— Quanta pressa, hein?

— Diga logo o que quer, eu tenho muito o que fazer.

— Yasuko — Togashi lhe estendeu a mão. Tentou segurar a mão dela sobre a mesa. Yasuko percebeu e recolheu a mão. Então, ele torceu a boca. — Mal-humorada, hein?

— O que você quer? Por que você vive me perseguindo?

— Deixe disso. Falo sério!

— Sério coisa nenhuma!

A garçonete trouxe seu chocolate. Imediatamente, Yasuko estendeu a mão à xícara. Pretendia esvaziá-la depressa e levantar-se logo da cadeira.

— Você ainda vive sozinha, não é? — Togashi a encarou, com as pálpebras semicerradas.

— Isso é da sua conta?

— Não é fácil criar uma filha sozinha. Vai precisar de dinheiro, e cada vez mais. Não há futuro para você trabalhando naquela casa de bentô. Então, reconsidere. Eu mudei, não sou mais como era antes.

— Mudou? Me diga como. Então te pergunto, já está trabalhando?

— Vou trabalhar. Até já arrumei emprego.

— Mas não está trabalhando ainda, certo?

— Já achei um trabalho, é o que estou te dizendo. Vou começar no próximo mês. É uma empresa nova ainda, mas, quando entrar nos eixos, poderá garantir uma boa vida também a vocês.

— Não preciso disso. Por que não procura outra mulher, se vai ganhar tanto dinheiro assim? Por favor, nos deixe em paz.

— Yasuko, eu preciso de você.

Togashi lhe estendia outra vez a mão, tentando segurar a mão dela que estava com a xícara.

— Não me toque! — Yasuko se desvencilhou. Nisso, o conteúdo da xícara derramou um pouco sobre a mão de Togashi.

— Ai! — gritou ele, encolhendo-a. O ódio agora brilhava em seus olhos.

— Não me venha com conversa fiada. Pensa que vou acreditar? Não tenho a mínima intenção de reatar com você, já te falei! Desista de uma vez, entendeu? — Yasuko se ergueu.

Calado, Togashi continuava com os olhos nela. Ignorando esse olhar, Yasuko depositou sobre a mesa o pagamento do chocolate e se dirigiu à saída.

Deixando o restaurante, ela montou na bicicleta estacionada ali perto e começou imediatamente a pedalar. Se demorasse, poderia ser perseguida por Togashi e então teria problemas, pensou. Seguiu direto pela avenida Kiyosu, atravessou a ponte e, nesse ponto, cruzou à esquerda.

Dissera o que devia ser dito, porém não acreditava que Togashi iria desistir. Em breve, ele voltaria a aparecer na loja. Iria perturbá-la, haveria de criar situações prejudiciais para a loja. Talvez até aparecesse na escola onde Misato

estudava. Aquele sujeito esperava vencê-la por teimosia. Ela acabaria por lhe dar dinheiro, ele nem se preocupava com isso.

Regressando ao apartamento, Yasuko começou a preparar o jantar. Bastava-lhe esquentar as sobras de comida que ganhara da loja, só isso. Contudo, parava com frequência. Sentia-se oprimida por pressentimentos obscuros, e isso a distraía.

Estava na hora de Misato regressar. Ela participava agora do clube de badminton da escola e costumava bater um longo papo com as colegas após o treino, antes de tomar o caminho de volta para casa. Dessa forma, costumava chegar quase sempre após as sete horas.

De repente, a campainha tocou. Intrigada, Yasuko se dirigiu à entrada. Misato possuía a chave do apartamento.

— Sim? — indagou sem abrir a porta. — Quem é?

Após um instante, uma voz respondeu: — Sou eu.

Sua vista escureceu. O pressentimento ruim se concretizava. Até esse apartamento Togashi havia farejado! Com certeza, ele a seguira algum dia desde o Benten-tei.

Yasuko não respondeu. Então, Togashi começou a bater na porta.

— Olá!

Abanando a cabeça, ela girou a chave na porta, mas não destravou a corrente. Entreabriu a porta uns dez centímetros. O rosto de Togashi se achava bem do outro lado. Mostrava um sorriso detestável, de dentes amarelados.

— Vá embora! O que veio fazer aqui?

— A conversa não acabou ainda. Impaciente como sempre, não é?

— Já te disse, não me perturbe mais!

— Escute pelo menos o que tenho a dizer. Me deixe entrar, pelo menos.

— Não! Vá embora!

— Se não me deixar entrar, vou aguardar aqui mesmo. Já está na hora de Misato voltar, não é mesmo? Se não posso falar com você, então falo com ela.

— Ela não tem nada a ver com isso.

— Então me deixe entrar.

— Olhe que chamo a polícia.

— Pode chamar, fique à vontade. O que há de errado em visitar minha ex-mulher? Até a polícia vai concordar comigo. Dirá com certeza: *Minha senhora, deixe-o pelo menos entrar, que mal há nisso?*

Yasuko mordeu o lábio. Dava raiva, mas era como Togashi dizia. Já chamara algumas vezes a polícia, mas ela nunca a tinha ajudado. Além disso, não queria criar confusão bem ali. Conseguira alugar aquele apartamento sem fiador e, assim, temia ser expulsa se originasse boatos inoportunos.

— Não se demore.

— Eu sei. — Togashi se mostrou triunfante.

Destravando a corrente, Yasuko abriu a porta. Enquanto descalçava os sapatos, Togashi examinava despidoradamente o interior. O apartamento continha dois recintos e uma cozinha: uma sala japonesa de seis tatames logo à entrada, tendo à esquerda a pequena cozinha e, nos fundos, outro recinto japonês de quatro tatames. E depois, a varanda.

— Salinha velha e apertada, mas boa. — Sem qualquer cerimônia, Togashi enfiou os pés no *kotatsu*<sup>2</sup> instalado no centro da sala de seis tatames.

---

2. Mesa baixa com aquecimento em seu centro. [N.E]

— Eita, está desligado! — disse e ligou o aparelho sem pedir permissão.

— Eu sei o que você pretende — falou Yasuko ainda de pé, olhando Togashi do alto. — Independentemente do que diga, o que quer é dinheiro, não é?

— O que é isso? Aonde quer chegar? — Togashi retirou do bolso da jaqueta uma caixa de Seven Stars. Acendeu um cigarro com um isqueiro descartável e olhou os arredores. Percebeu que não havia cinzeiro. Esticou o corpo e achou, no saco de lixo, uma lata vazia, depositando nele as cinzas do cigarro.

— Você está apenas me assediando por dinheiro. Em suma, é isso, não é?

— Bem, se é o que você pensa, então que seja.

— Não vai levar nem um tostão.

— Ah, é assim?

— Vá embora. Não volte mais.

Yasuko mal terminava de falar quando a porta se abriu com vivacidade e Misato entrou, em uniforme da escola. Percebeu que havia visita na sala e se deteve paralisada por um instante. Depois, ao tomar conhecimento de quem se tratava, a decepção e o medo subiram ao seu rosto. A raquete de badminton caiu-lhe das mãos.

— Misato, quanto tempo! Você cresceu, hein? — disse Togashi em voz casual.

Após relancear um olhar para Yasuko, Misato retirou o tênis que calçava e subiu à sala sem nada dizer. Seguiu diretamente ao quarto dos fundos, cerrando firmemente o *fusuma*<sup>3</sup> entre os quartos.

---

3. Painéis retangulares verticais móveis, normalmente fazendo a função de portas de correr. [N.E.]

Togashi abria vagarosamente a boca.

— Não sei o que você pensa, mas o que eu quero é reatar, só isso. É tão ruim assim essa possibilidade?

— Já te disse, não tenho a mínima disposição. E nem você mesmo acha que eu aceitaria. É apenas um pretexto para me azucrinar.

Acertara bem o alvo. Mas Togashi não respondeu e ligou a televisão. Passava um desenho animado. Yasuko soltou um suspiro e foi à cozinha. Havia uma carteira na gaveta ao lado da pia. Retirou dela duas notas de dez mil ienes.

— Conte-se com isso — disse, depositando as notas sobre o *kotatsu*.

— O quê? Dinheiro, nem um tostão, não foi o que você me disse?

— Esta é a última vez.

— Não quero isso aí.

— Vai voltar de mãos vazias? Certeza que quer mais, mas nós também estamos apertadas.

Togashi olhou os vinte mil ienes e, depois, fitou o rosto de Yasuko.

— Paciência, então. Está bem, vou embora, como você quer. Mas ouça bem: já te disse, eu não preciso de dinheiro. Foi você que me obrigou a aceitá-lo.

Togashi enfiou as notas de dez mil ienes no bolso da jaqueta. Jogou o toco de cigarro dentro da lata vazia e deixou o *kotatsu*. Não se dirigiu, porém, à porta de entrada, e sim ao quarto dos fundos e abriu repentinamente o *fusuma*. Misato soltou um grito de pavor.

— Mas o que está fazendo? — vociferou Yasuko.

— Posso pelo menos cumprimentar minha enteada, não?

— Ela não é mais sua enteada, não é coisa alguma para você.

— Ah, deixa disso. Tchau, Misato. Até outra hora, então — disse Togashi, encarando o fundo do quarto. Yasuko não pôde ver a reação de Misato, que se achava fora de seu campo de visão.

Finalmente, Togashi se dirigiu ao vestíbulo.

— Essa menina vai ser um mulherão. Mal posso esperar!

— Pare com isso e vá logo embora!

— Vou sim, por hoje.

— Não volte nunca mais!

— Bem, quanto a isso, veremos.

— Você...

— Ouça aqui, você não me escapa. Desista. — Togashi riu baixinho. E se curvou para enfiar o sapato.

Nesse exato instante, Yasuko escutou um ruído bem às suas costas. Voltou-se e viu Misato, ainda em uniforme escolar, logo ao seu lado. Ela erguia alguma coisa. Yasuko não pôde soltar a voz nem a segurar. Com uma pancada violenta, Misato atingira a nuca de Togashi. Um ruído seco, e Togashi foi ali mesmo ao chão.